

TERRA BATIDA

Enquanto a catástrofe climática exige de nós um ajuste de contas com tantas dissoluções do mundo [...], também leva a sério o trabalho de dissolução como forma de nos reorientar para estes tempos: a que podemos renunciar?¹

Em 2020, quando os discursos globais sobre o futuro do planeta e da espécie humana afloravam e se mesclavam ao contexto pandêmico, o projeto Terra Batida nasceu como vetor possível para a ação em rede, em múltiplas escalas. A partir de e com diferentes territórios urbanos e rurais em Portugal e suas histórias de violências socioambientais, a proposta brotou do desejo de ativar um debate expandido sobre ecologia, incluindo questões políticas, raciais, laborais, coloniais e de gênero.

Desde então, mapeia saberes, práticas e agentes que, atravessados pela memória ou permanência de estados de abandono e abusos extrativos, inspiram cuidado, resistência e criatividade. Unem-se assim muitas formas de ciências, jornalismo, ativismo, investigações e artes, em esforço coletivo – vinculado a conflitos situados, mas não reduzido a eles – para fabular e construir visões, vidências e sensibilidades biodiversas em mundos exauridos e exaustos.

Em suas quatro edições programas de residências artísticas fazem emergir pesquisas e criações partilhadas publicamente por conversas, performances, experiências, textos ou caminhadas. O coletivo Terra Batida esteve em Ourique, Castro Verde, Montemor-o-Novo, Aveiro, Ílhavo e Gafanha da Nazaré, somando contributos de várias linguagens e urgências, da desertificação à subida do nível dos mares, da agricultura superintensiva – e a concomitante extração de trabalho migrante – à falta de gente. Além de cooperativas e cientistas, o rol de facilitadores do projeto incluiu as artistas Ana Rita Teodoro, Joana Levi, Maria Lúcia Cruz Correia, Sílvia das Fadas e Vera Mantero. Em 2021, edição centrada nos trânsitos de

Lisboa e na experiência de luto entre comunidades humanas e não humanas, Terra Batida convidou Ana Pi e Irineu Destourelles como artistas residentes, e propôs novas colaborações entre Maria Lúcia Cruz Correia & Margarida Mendes, Ana Rita Teodoro & Alina Ruiz Folini, bem como uma performance-festa de DIDI.

Em 2022, a roda de estudos Escola Refloresta Livre, debateu durante três dias as estratégias de desflorestação e regeneração, nas potentes vozes de Geni Núñez, Paulo Tavares, Helen Torres, Zoy Anastassakis, Paulo Pimenta de Castro e o projeto À Escuta.

Figura 1
Terra Batida 2020
© Joana Levi



Arte & Ensaios
vol. 29, n. 46,
jul.-dez. 2023



Figuras 2 e 3
Terra Batida 2023
© João Dias.jpg

A caminho de fechar sua quarta edição, pausa no município do Fundão e seus arredores. No centro de Portugal, a região representa mais da metade da área nacional devastada por incêndios em 2023, além de ser foco nacional e internacional de exploração de lítio – segundo o governo português, o país teria a maior reserva europeia desse minério. Desdobrando a noção de corpos sensores, que carregam tanto as marcas da contaminação como da ausência de reparação, o projeto atribuiu bolsas de investigação e criação a Alina Ruiz Folini e Teresa Castro, e iniciou, em parceria com o programa de estudos independentes humusidades, projeto de pesquisa e especulação que cruza e descobre vários “Fundões” entre Brasil e Portugal.

Terra Batida foi iniciado em 2020 pela autora, editora e programadora Marta Lança e o investigador, artista e curador Rita Natálio; seguiu depois coordenado por Rita Natálio, com assistência, desde 2023, da investigadora, escritora e gestora de projetos culturais Laila Algaves Nuñez.

<https://terrabatida.org/>

Como citar:

Terra Batida. Dossiê Coletivo. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29, n. 46, p. 336-339, jul.-dez. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n46.28>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.